

ENTREVISTA COM LETÍCIA CESARINO

Fenômenos tecnopolíticos e dinâmicas antiestruturais na era das plataformas

Fenómenos tecnopolíticos y dinámicas antiestructurales en la era de las plataformas

Technopolitical phenomena and antistructural dynamics in the platform era

DOI: <http://doi.org/10.18861/ic.2025.20.1.4166>

► POR MARIANO FERNÁNDEZ

marianofc81@gmail.com - La Plata - Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

ORCID DEL ENTREVISTADOR: <https://orcid.org/0000-0001-7025-5955>

► POR ALINE DALMOLIN

aline.dalmolin@ufsm.br - Santa Maria - Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

ORCID DE LA ENTREVISTADORA: <http://orcid.org/0000-0003-4413-0061>

COMO CITAR: Fernández, M. & Dalmolin, A. (2025). Entrevista com Letícia Cesarino. Fenômenos tecnopolíticos e dinâmicas antiestruturais na era das plataformas. *InMediaciones de la Comunicación*, 20(1). DOI: <http://doi.org/10.18861/ic.2025.20.1.4166>

Letícia Cesarino é uma antropóloga, pesquisadora e professora brasileira que atua no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Entre 2023 e 2024, atuou como Assessora Especial em Educação e Cultura em Direitos Humanos no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Como pesquisadora, tem sido reconhecida por suas contribuições nos campos da antropologia digital, cibernética, teorias de sistemas, plataformação, neoliberalismo, ecologia da mente e populismo digital. Seus estudos concentram-se, principalmente, na interseção entre tecnologia, política e sociedade, com ênfase no contexto brasileiro contemporâneo, embora também tenha publicado diversos textos sobre questões metodológicas envolvendo interfaces com a antropologia, como o uso de métodos mistos em pesquisas sobre plataformas digitais (Cesarino, 2021).

Recentemente, participou da antologia *Populism and Conspiracy Theory: Case Studies and Theoretical Perspectives* (Butter, Hatzikidi, Jeitler, Loperfido & Turza, 2024), que reúne análises aprofundadas sobre as interseções entre populismo e teorias da conspiração em contextos globais. Nessa obra, Cesarino (2024) assina um capítulo no qual introduz o conceito de *affordances conspiratórias* para descrever como as estruturas algorítmicas das plataformas digitais incentivam a produção e circulação de conteúdos conspiratórios.

Sua obra mais conhecida é o livro *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital* (2022), no qual desenvolve uma compreensão original do ecossistema tecnopolítico contemporâneo brasileiro a partir dos princípios da teoria cibernética de Gregory Bateson (2025) e do conceito de antiestrutura de Victor Turner (2013), entre outros autores. O livro é fruto de um esforço teórico no qual aprofunda a leitura de autores clássicos da cibernética e da antropologia, articulando-os com sua trajetória de estudos empíricos sobre discurso populista, movimentos negacionistas e grupos de extrema-direita em ambientes digitais. Para além da atualidade dos temas abordados, a originalidade de sua proposta reside sobretudo na forma como os reformula a partir de uma lógica sistêmica e pós-disciplinar, que escapa às análises tradicionais da política digital, apresentando uma perspectiva inovadora para repensar a democracia, a verdade e a autoridade no mundo digital.

MARIANO FERNÁNDEZ (M.F.) & ALINE DALMOLIN (A.D.): Queríamos iniciar pedindo que falasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica, em especial, sobre sua formação vinculada à área de Antropologia e suas análises sobre mídia e as plataformas digitais. Como sua trajetória de pesquisa influenciou seus estudos atuais?

LETÍCIA CESARINO (L.C.): Eu venho da Antropologia da ciência e da tecnologia, que é minha área principal. Há cerca de quinze anos, na medida em que os fenômenos digitais começaram a ganhar importância social e cultural



e a Antropologia passou a se interessar cada vez mais por eles, eu comecei a enveredar por essa área a convite de estudantes, pois as novas gerações são muito interessadas no digital e nas métricas digitais. Como eu já trabalhava com tecnologia, passei a orientar alunos e a pesquisar neste campo, um pouco antes das eleições presidenciais de 2018, aqui no Brasil. E foi quando surgiu para mim o interesse de pensar antropológicamente mais a fundo sobre as relações entre humano e máquina, porque até naquele momento as pesquisas da área da Antropologia apenas aplicavam etnografia no meio digital, transpondo o que é feito *offline* para o *online*, sem aprofundar na reflexão sobre o que significa o elemento humano em sua interface com os algoritmos e os meios digitais. Até hoje, muitos antropólogos ainda fazem isso.

Portanto, quando iniciei meus trabalhos sobre o digital, tentei desenvolver uma perspectiva diferente. Minha trajetória foi muito influenciada pela *Ecologia da Mente*, de Gregory Bateson (2025), e pelas ciências de sistemas em geral. Uma das premissas desse tipo de teoria é que existe um nível convergente de comportamento sistêmico que vale para humanos, animais e máquinas, que é o nível cibernético, a partir do qual a indústria produz essas máquinas, que são os algoritmos, que mimetizam e copiam um certo padrão da cognição e do comportamento humano, em sua camada “animal”. Neste sentido, mobilizei a Antropologia geral (que não é apenas a Antropologia da Etnografia) para pensar o humano e suas alteridades com outros animais e máquinas no contexto digital.

Naquele momento, isso coincidiu com as eleições no Brasil, quando o fenômeno político se digitalizou muito rapidamente com seus efeitos explosivos, como foi a eleição de Jair Bolsonaro, e mais recentemente, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e na Argentina, com Javier Milei. Essa onda de extrema direita é algo bem mais recente, data do pós-crise de 2008, que teve como um de seus efeitos a hegemonia do modelo de plataforma, o modelo de Internet que vigora até os dias de hoje.

Parte da literatura percebe esse fenômeno político como um fenômeno tecnopolítico (o que é o meu caso também), compreendendo-o como relacionado a padrões humanos, mas que sobretudo pode ser associado ao humano na interação com os algoritmos e com a máquina, propiciando que esse tipo de força política seja facilitada, e não causada, pela tecnologia. O termo em inglês utilizado para explicar isso é *afford* – a teoria das *affordances*, de James Gibson (2014), é bem conhecida no campo de estudo de novas mídias –, pois é possível dizer que as tecnologias propiciam/facilitam (*afford*, em inglês) a emergência desse tipo de força política e impulsionam o sucesso eleitoral, como foi aqui no Brasil. Neste contexto, desenvolvi meu primeiro projeto nesse sentido, que foi a análise da campanha digital do Jair Bolsonaro em 2018 (Cesarino, 2019, 2020).

M.F. & A.D.: Algo que chama a atenção em sua trajetória de pesquisa é justamente essa sua proposta de pensar a relação entre tecnologia e o populismo pela perspectiva das *affordances*, buscando compreender a ação das plataformas para além de um mero contexto ou ambiente. Como essa perspectiva começou a se desenvolver em sua pesquisa?

L.C.: Acredito que eu possa responder a essa pergunta retomando a trajetória da pesquisa citada (Cesarino, 2019, 2020). A intenção inicial era fazer uma análise de discurso sobre o que significava a eleição de 2018, e nela a própria figura de Jair Bolsonaro, que representou uma virada de chave na relação entre eleitor e liderança política. Naquele momento, a novidade não residia apenas no aparecimento de uma figura política inusitada –até porque no Brasil já tivemos vários exemplos de candidatos inusitados– mas no surgimento de uma figura antissistema que era capaz de projetar diferentes imagens para cada segmento de sua base eleitoral e, ao mesmo tempo, manter uma unidade em sua figura. Trabalhei esse aspecto através da metáfora do caleidoscópio, que é uma topologia diferente, passível de existir em um mundo analógico, mas que na Internet parece ganhar um caráter muito mais existencial e afetivo. A própria ideia de colapso de contextos, muito usada na literatura sobre novas mídias, foi desenvolvida para falar da televisão e sobre como o mesmo personagem consegue segmentar sua mensagem para diferentes públicos. Observei que as pessoas que defendiam Bolsonaro nas redes o faziam como se elas próprias estivessem sendo atacadas –principalmente após o episódio da facada¹– percebendo aquela eleição como uma questão de vida ou morte, como uma ameaça existencial propriamente dita. Isso tornou aquela eleição ainda mais inusitada, mesmo para o contexto brasileiro.

Diante disso, eu mergulhei nessas redes em colaboração com o Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o qual

¹ O episódio da facada em Jair Bolsonaro ocorreu em 6 de setembro de 2018, durante a campanha eleitoral para a Presidência do Brasil naquele ano. Bolsonaro foi atacado enquanto participava de um ato de campanha na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, no Brasil. O ataque causou ferimentos graves e o então candidato a presidente precisou ser submetido a várias cirurgias, o que interrompeu temporariamente sua campanha, mas não o impediu de se sagrar vitorioso nas eleições em outubro de 2018.

passsei a desenvolver pesquisa através de um método que conjuga abordagem antropológica e computacional. Observamos a eleição de 2018 a partir de Ernesto Laclau, em sua teoria estrutural do populismo, que tem como elemento central o código amigo-inimigo. Foi impressionante notar como essa teoria se sobrepunha, de forma muito precisa, com a própria estratégia discursiva dos canais oficiais de Jair Bolsonaro e dos canais não oficiais que eram conduzidos pelos seus seguidores na Internet. Naquele momento, ele não estava fazendo campanha, pois estava internado no hospital em recuperação da facada e, não obstante, seus seguidores fizeram uma campanha em nome de Bolsonaro, reproduzindo muito fielmente o discurso que era lançado por influenciadores e lideranças políticas da extrema-direita. Visualizamos a partir daí um encaixe muito preciso entre as premissas da teoria estrutural de Laclau e o que observávamos nesses ambientes digitais.

M.F. & A.D.: Gostaríamos que falasse um pouco mais sobre sua compreensão estrutural dessa relação, em especial, sua proposição a respeito da ação dos públicos antiestruturais e do modelo topológico. Quais seriam os fatores principais que levam a essa transformação?

L.C.: No livro *O Mundo do Averso* (Cesarino, 2022), eu aprofundi o papel dos algoritmos na tecnopolítica do bolsonarismo, buscando compreender suas características e sua influência no padrão de comportamento humano. A obra pode ser resumida através de dois elementos: o elemento temporal e o elemento espacial.

O elemento temporal caracteriza-se pela temporalidade de crise permanente, que envolve a aceleração do processo sociotécnico e a desestabilização entre agente e ambiente. Ou seja, diante de momentos de crise, incerteza e ameaça, o social passa a operar de forma diferente, mais linearizada, mimética, e imitativa. Pela perspectiva da ecologia da mente, essa tendência pode ser observada não apenas em humanos, mas também em outros mamíferos. Fatores como cópia, estética, ritualização e afetividade foram trabalhados pela Antropologia em outras ocasiões, em outros contextos que não têm nada a ver com política, a exemplo dos estudos de Victor Turner (2013) sobre rituais de anti-estrutura em sociedades africanas subsaarianas.

Essas análises coincidem com o que se observava no ecossistema digital, onde as pessoas estavam sendo interpeladas por uma nova identidade existencial e afetiva, que tendia à polarização devido à radicalidade da forma como a figura do inimigo era colocada e que se distanciava muito da identidade política performada normalmente em eleições anteriores. Os algoritmos participam dessa dinâmica, que se aproxima muito mais da guerra do que do debate democrático, com a aceleração temporal e com a economia da atenção, cuja lógica é agnóstica em relação ao conteúdo, a ela não interessa se um conteúdo é bom, ético ou ruim. Os algoritmos não fazem essa diferenciação pois são parte de um modelo de negócio que visa prender a atenção da maior quantidade de usuários possíveis e comercializá-la a anunciantes. Desse modo, conteúdo sensacionalista, fofocas,

violência, curiosidades, excentricidades e teorias da conspiração tendem a ser privilegiados nesse tipo de economia. Além disso, a informação em tempo real é algo que consolidou-se de forma incontornável, de maneira que hoje não é possível engajamento nas redes sem entrar em alguma onda informacional que esteja acontecendo. Os algoritmos poderiam ser mais lentos, mas são programados para ser assim porque o tempo real é humano e parte da hegemonia dessas arquiteturas.

O segundo elemento é o elemento espacial da bifurcação, que resulta da clusterização dos usuários em grupos, multidões ou comportamentos adjacentes para a venda de anúncios, a partir da lógica algorítmica. Essa tendência à segmentação de público se aplica aos buscadores, às redes sociais e também para a economia de dados, de forma geral. Os algoritmos homofílicos, aqueles que juntam igual com igual, tornam-se o padrão nesse modelo de negócio. Na interação com o usuário, esse tipo de viés algorítmico não produz apenas segmentação, mas uma bifurcação.

Dessa ideia, vem o título do livro *O mundo do avesso*, que seria um caso extremo de diferença ou de bifurcação de mundos: quando você produz muita identidade de um lado, você vai ter que compensar esse excesso de identidade com o excesso de diferença no outro. Isso é um princípio matemático, que vale para qualquer sistema. Diferentemente do sistema plural do ideal democrático, no qual várias diferenças convivem em um mesmo espaço, no modelo bifurcado todos são iguais em seus extremos, mas no meio há uma diferença incomensurável. E qual é a forma mais extrema de diferença que existe? É aquele que é igual a mim, mas é o contrário. É um pouco como o *unheimlich* de Freud (2019), que é o espelho invertido, ou o *doppelganger*, de Naomi Klein (2024). Essa estrutura do espelho invertido era onipresente na campanha de Bolsonaro e em todo o ecossistema de extrema-direita. Eles têm consciência de que esse tipo de exagero, de mimese inversa, é parte da forma como você arregimenta adesões de eleitores e de base política. Penso que a metáfora do espelho invertido não seja suficiente para compreender esse processo porque nele não ocorre uma inversão só, prefiro a ideia de dupla torção de Lévi-Strauss (2010) para falar disso. Na inversão de conteúdo, a afirmação de que a direita é bonita, suas mulheres são bonitas e seus integrantes são pessoas honestas, vem acompanhada do discurso de que no campo da esquerda é o contrário, as mulheres são feias, masculinizadas, todo mundo é bandido e corrupto. Isso seria uma inversão de conteúdo na forma de uma metapolítica, que se operacionaliza através de uma inversão metacomunicativa, a partir da qual os dois lados não têm a mesma valência.

De acordo com Louis Dumont (1997), direita e esquerda não são a mesma coisa. Por exemplo, a mão direita [do corpo humano] tem uma valência maior e representa o todo. Trata-se de uma discussão antiga na Antropologia se o privilégio da mão direita para escrever seria natural, biológico, ou cultural. A teoria da hierarquia entre as mãos é uma boa analogia aqui, porque esquerda e direita não consistem em forças no mesmo plano político. Na meta política, a direita está

acima e representa um partido político, um candidato, mas também representa a nação, Deus, o cidadão de bem, eventualmente aparece conectada a outras forças que estão acima da política, como as Forças Armadas como moderador, enquanto representativas de um caráter total, não uma força política qualquer.

Desde 2018, é possível visualizar o caráter metapolítico desse tipo de força política da extrema-direita e como os algoritmos participaram disso, potencializando a aceleração e essas bifurcações que produzem os mundos invertidos. No capítulo 4 do livro (Cesarino, 2022), eu fiz o mesmo exercício com os dados da pandemia, comparando-os aos coletados no processo eleitoral de 2018. Ambos são muito parecidos em termos estruturais, porque as teorias da conspiração, por exemplo, têm uma estrutura muito similar a essa do virar do avesso, desse antagonismo político. Os ecossistemas dos médicos favoráveis ao tratamento precoce e o das ciências alternativas também apresentavam esse caráter anti estrutural que aparecia no público político.

De acordo com o modelo topológico, argumento principal do livro (Cesarino, 2022), um sistema vira do avesso primeiro com a potencialização do enfraquecimento do centro, que vai definir os extremos dentro dos quais o sistema oscila. Então, por exemplo, antes da era Bolsonaro, os partidos dominantes, Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) localizavam-se em uma mesma situação política. Já Bolsonaro avança em uma trajetória extrema, sustentando que não é suficiente ganhar a eleição, mas que também é necessário reconfigurar o sistema e acabar com a corrupção. Quando ganha a eleição, ele governa e quer se reeleger, e diante da perspectiva de perder a eleição, parte para o golpismo, em um movimento metapolítico. Sua política não é eleitoral, partidária, mas existencial: é sobre salvar o Brasil do comunismo, dos bandidos. Esse movimento também ocorre agora com Donald Trump nos Estados Unidos e Javier Milei na Argentina, que apresentam discursos muito parecidos. Os algoritmos facilitam a vida desse tipo de liderança política.

M.F. & A.D.: Os exemplos citados evidenciam que os públicos anti estruturais de extrema direita encontram-se presentes em nível mundial, não apenas no Brasil. Em nível global, outro fenômeno possível de se observar nesta seara é a emergência do chamado tecno feudalismo, evidenciado pela associação dos próprios gestores das plataformas às práticas desses grupos anti estruturais. Diante disso, seria possível dizer que estaríamos agora assistindo ao acoplamento das dinâmicas dos públicos anti estruturais à própria dinâmica das plataformas e que estas lógicas invertidas, outrora disruptivas, estariam se tornando dominantes no sistema?

L.C.: Esta é uma ótima pergunta, porque acho que é exatamente isso que está acontecendo. Muitas vezes as pessoas me perguntam: “por que a direita sabe usar tão bem a Internet e por que a esquerda não consegue?” Eu respondo que isso é como estar em um rio: quando este corre em uma certa direção e você precisa

nadar contra ou a favor da corrente. É claro que é muito mais fácil para quem está nadando a favor da corrente. Muitos estranhavam meu argumento de que as plataformas não apenas facilitam a vida de direita, elas são de direita.

O modelo de negócio e a genealogia histórica de toda a cibernética e indústria *tech* são oriundos da guerra fria, ou seja, as plataformas têm essa espécie de “pecado original”. Para além disso, a economia da atenção e a forma como o algoritmo interage com o elemento humano também levam em direção à dinâmica antidemocrática. E, claro, havia um potencial de isso eventualmente resvalar em questões mais profundas, não só envolvendo processos eleitorais, mas da própria soberania. À exceção de países como China e Rússia, que possuem modelos de Internet mais controlados, em quase nenhum lugar do mundo o poder público tem ingerência sobre as plataformas, a não ser via ordem judicial. Mesmo assim, o ministro Alexandre de Moraes² precisou bloquear a plataforma X e o Telegram no Brasil para que obedecesse a decisões judiciais.

Podemos dizer que as plataformas atuam como espaços de soberania paralela, que funcionam com uma lógica de mediação de relações sociais que não tem nada a ver com democracia, tem a ver com lógica da guerra e da economia de atenção. Na medida em que estes espaços nunca foram regulados, eles foram colonizando cada vez mais todas as esferas da vida social, inclusive a política eleitoral.

Quando o centro é fragilizado, as trajetórias individuais vão saindo da órbita desse centro, o que o Curtis Yarvin³ chama de *catedral*. O centro representa tudo o que está em crise hoje – a academia, a imprensa, a ciência – que perdem a capacidade de atração e deixam de ser o centro na vida social. Na medida em que a Internet e as plataformas vão oferecendo outras formas de viver e de ganhar dinheiro, as quais representam estados de exceção na perspectiva do centro, as trajetórias extremas vão se distanciando cada vez mais da órbita do centro e são capturadas por essa outra órbita anti estrutural. No caso da democracia, ela passa a ser vista como a vontade da maioria que deve ser imposta de qualquer forma. Ou seja, defende-se apenas um aspecto da democracia que é o princípio da representatividade da maioria ou a dimensão populista e são deixadas suas outras dimensões, como os contrapesos e a defesa das minorias, conforme reivindicam os seguidores do Bolsonaro. Isso implica na criação de uma camada paralela de realidade onde as regras são opostas das vigentes no sistema anterior do sistema do público dominante, que eu chamo ali. E se esse processo continua, você vai ter cada vez mais trajetórias extremas fazendo esse movimento de inversão e que aumente o peso relativo do centro alternativo.

Esta segunda eleição de Donald Trump foi avassaladora, no sentido de que os democratas tinham condições de vencer, mas o que a gente viu foi o contrário,

2 Ministro do Supremo Tribunal Federal no Brasil.

3 Curtis Yarvin é um ativista digital de extrema-direita norte-americano, que criou o termo *cathedral* (*catedral*) para criticar o complexo formado pela mídia, pelas universidades e pelas instituições liberais, que para ele seriam as responsáveis pela imposição da ideologia progressista na sociedade atual, com hegemonia cultural, moral e política.

com boa parte dos Estados de tradição democrata apoiando Trump, o que reflete a órbita antiestrutural atraindo as trajetórias. E como agora Trump encontra-se novamente no centro desse sistema, as próprias plataformas e a indústria *tech* passam a dar sinais de apoio a ele, muitas vezes de forma explícita, como no caso do Elon Musk, ou mais discreta, mas todos os líderes dessa indústria foram à posse de Trump ou fizeram doações para a campanha dele. Eles se sentem muito mais à vontade com Trump porque essa indústria sempre foi de direita e agora não precisam mais fingir que estão fazendo algo contra discurso de ódio, desinformação ou negacionismo eleitoral em ações de relações públicas para melhorar a imagem da empresa – como no caso da Meta, que ficou muito nos holofotes da imprensa e do Congresso americano, por conta do episódio Cambridge Analytica-. O vídeo de Mark Zuckerberg⁴ expressa isso, ao afirmar não ser mais necessário lidar com os liberais e que pode posicionar-se onde sempre esteve, ao lado absolutistas da liberdade de expressão, que agora se veem próximos a um centro de poder favorável a eles.

Esse é um momento bastante perigoso e que chama atenção para o fato de que a regulação das plataformas talvez não seja mais suficiente. Poderíamos estar discutindo agora uma forma mais profunda de transformação, envolvendo projetos de soberania e solidariedade digital entre países e forças democráticas que queiram construir uma infraestrutura digital baseada em outros princípios, como o da *accountability* e com o poder público supervisionando a sociedade, desenvolvendo outros tipos de modelos de negócio que não sejam os da economia da atenção. Ou seja, com tudo o que falta na indústria *tech* hoje.

M.F. & A.D.: Gostaríamos de ouvi-la também sobre os aspectos metodológicos em seu trabalho. Seu artigo “Antropologia digital não é etnografia” (Cesarino, 2021) propõe uma discussão muito interessante sobre as abordagens antropológicas mais clássicas, e muito conhecidas, como o projeto de Miller (2004). Poderia comentar mais a respeito de sua abordagem metodológica e o aspecto antrop-etnográfico de seu trabalho?

L.C.: Esta também é uma boa pergunta. Escrevi este artigo para facilitar a vida de meus estudantes, em função de que muitas vezes eles não tinham seu *paper* aceito em congressos porque consideravam que seus trabalhos não eram Antropologia, apenas porque não estavam fazendo etnografia. Nele eu transponho para o digital a discussão de Ingold (2011), proposta em um contexto não digital, de que Antropologia não deve tratar apenas de etnografar a diversidade, mas de observar os padrões gerais do humano, o que inclui sua relação com a máquina. Um dos aspectos observados

⁴ A entrevistada aqui faz referência ao vídeo no qual o proprietário da Meta, Mark Zuckerberg, postou no perfil próprio em suas redes sociais no dia 7 de janeiro de 2025. No vídeo, Zuckerberg anuncia mudanças significativas nas políticas de moderação de conteúdo das plataformas da Meta, como Facebook, Instagram e Threads. Ele declarou o fim do programa de checagem de fatos por terceiros, substituindo-o por um sistema de “notas da comunidade”, semelhante ao implementado pelo X (antigo Twitter), afirmando que essa mudança visa restaurar a liberdade de expressão nas plataformas. O vídeo pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/reel/DEHf2uTJU0/?igsh=eXkwN3B1djZzNzNy>

nesse tipo de estudo é a recorrência de padrões muito parecidos em culturas muito diferentes. Se você comparar as formas de populismo de Modi –na Índia–, de Orbán –na Hungria–, de Trump –nos Estados Unidos–, de Bolsonaro –no Brasil– e de muitos outros, vai observar padrões muito parecidos em nível estrutural. A Antropologia está equipada para entender isso. No contexto dessas pesquisas, assim como no estruturalismo lévi-straussiano, a etnografia pode ser um conhecimento de segunda mão, no sentido de que você não precisa estar observando face a face aquele comportamento, mesmo porque no digital isso é impossível, pois implicaria em acompanhar a mesma pessoa online e offline. Isso é possível de ser feito com uma pessoa, duas, ou um grupo pequeno de pessoas, mas é impossível de ser realizado em escala, a fim de capturar o caleidoscópio de segmentos que é o bolsonarismo, que vai desde os evangélicos até os da intervenção militar a *machosfera*⁵, os *incels*⁶, os libertários⁷ e tantas outras pessoas que estão enredados e são tão diferentes entre si.

Neste contexto, aparecem os métodos mistos, trazendo a Antropologia para o campo das humanidades digitais, ou seja, um campo interdisciplinar por premissa, a fim de poder acessar outras escalas que o método etnográfico não alcança, principalmente essa escala da agência distribuída a uma grande quantidade de pessoas interagindo com o algoritmo. Porque no digital a pessoa está sempre envolvida com o algoritmo, mesmo em aplicativos de mensagem como o WhatsApp ou em ambientes aparentemente não algoritmizados, como redes sociais e buscadores.

Desse modo, desenvolvemos nossa análise com os públicos bolsonaristas durante o governo Bolsonaro até as eleições de 2022 e o episódio do 8 de janeiro de 2023⁸. Em parceria com o Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA, foi construída uma plataforma na qual é possível tratar esses dados, visualizá-los de diferentes formas e analisar o comportamento do sistema agregado e não apenas o de um determinado usuário ou influenciador. Através dela, é possível observar como ondas de informação ou padrões de discurso são de fato distribuídos.

Por exemplo, o conspiracionismo das urnas aqui no Brasil apresentava padrões extremamente consistentes de narrativas, que iam variando, porque tudo é onda. Então, primeiro era voto impresso, aí quando o voto impresso começa a diminuir, começa a subir a questão da, por exemplo, desqualificando pesquisas de opinião. É sempre ondas que se sobrepõem, mas que vão mantendo aquele

5 Machosfera (ou *manosphere*, em inglês) é um termo usado para descrever um conjunto de comunidades e espaços online compostos majoritariamente por homens, que discutem questões relacionadas a gênero, masculinidade, relações entre homens e mulheres, e identidade masculina.

6 Incels, abreviação de involuntary celibates (celibatários involuntários), são indivíduos –geralmente homens, que formam uma subcultura online, muitas vezes associada a misoginia, ressentimento, isolamento social e, em casos extremos, violência.

7 Libertários são pessoas que seguem o libertarianismo, uma filosofia política que valoriza a liberdade individual acima de quase tudo –especialmente contra a interferência do Estado. Eles acreditam que o governo deve ser mínimo ou inexistente, e que as relações entre pessoas devem se basear em consentimento voluntário, propriedade privada e livre mercado.

8 A entrevistada refere-se aos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023, quando milhares de bolsonaristas radicais e militantes da extrema-direita ocuparam prédios do governo brasileiro em Brasília, com o objetivo de apoiar um suposto golpe militar que estaria em curso no país.

público numa vibração conspiratória constante, que vem desde a pandemia. O conspiracionismo da pandemia se transformou num conspiracionismo eleitoral.

Curiosamente, nossos dados coletados coincidem com os da denúncia feita por Paulo Gonet⁹ na denúncia da Procuradoria Geral da República (PGR) do Brasil que indiciou o Bolsonaro e outros envolvidos. Ele identifica o início de 2021 como o começo da conspiração das urnas eletrônicas, um ano e meio antes das eleições de 2022, culminando no 8 de janeiro de 2023, onde ocorreu o clímax –isso que a cibernética chamaria de um *runaway*, que é quando o sistema perde o controle–. Quando saiu a denúncia da PGR, vimos que ela coincidiu totalmente com as observações que realizamos na pesquisa de forma sincrônica e alinhada à narrativa apresentada nos meios digitais. Tem uma hora que a investigação acadêmica precisa dar lugar à investigação judicial, porque é possível olhar a movimentação de pessoas que fazem este controle indireto, como usuários camuflados dentro do Telegram.

Durante a pandemia, Bolsonaro gerenciava avanços e recuos em seu discurso, assim como Trump faz agora também. Eles oscilam constantemente, forçando a fronteira do possível até o momento em que estes se retiram e deixam de ter qualquer controle sobre o resultado, quando as massas partem para tudo ou nada. Naquele momento, eles sabiam que não haveria golpe e que os comandantes do Exército e da Aeronáutica não iam aderir, o movimento foi realmente o último respiro do golpismo.

Um aspecto que chama a atenção nesses processos é a consciência dos agentes que não são seguidores, que são as massas. Observam-se três níveis de agentes: os algoritmos, os usuários seguidores e os usuários influenciadores. Estes últimos distinguem-se dos usuários seguidores porque promovem uma mediação, inclusive, com os algoritmos e demonstram em seu comportamento ter uma consciência cibernética bastante apurada, talvez inconsciente, de como este sistema digital funciona e como podem realizar o controle indireto das multidões. No mundo analógico isso não era impossível, mas muito mais difícil, pois suas temporalidades eram diferentes e o gerenciamento dos públicos segmentados era algo muito mais complicado. Só agora o campo democrático e progressista estão começando a perceber e a operacionalizar, como é o caso do ministro da nossa Suprema Corte, Alexandre de Moraes, que já adquiriu esta consciência.

M.F. & A.D.: Para finalizar, poderia nos adiantar um pouco sobre seu próximo projeto de pesquisa e para onde poderão caminhar seus interesses futuros de estudo?

L.C.: Penso que meu próximo projeto terá um enfoque menos empírico. Continuo realizando pesquisas com o Lab HD, minha ideia é constituir um braço

⁹ Aqui a entrevistada refere-se à Paulo Gonet, procurador-geral da República do Brasil, que denunciou o ex-presidente Jair Bolsonaro e ex-ministros de seu governo por participação em uma suposta organização de golpe de Estado, que culminaram nos atos do dia 8 de janeiro de 2023. A denúncia faz parte da ação penal que tramita desde 26 de março de 2025 no Supremo Tribunal do Brasil (STF) e encontra-se em andamento no momento de publicação deste texto.

deste laboratório aqui em minha universidade (UFSC), muito em função dos estudantes, que se interessam muito por essa área. O problema é que a área da antropologia digital não é institucionalizada, por exemplo, não existe disciplina de antropologia digital no currículo de quase nenhuma universidade. Pretendo voltar mais a essas questões práticas, me dedicar a projetos de extensão e similares.

Além disso, pretendo elaborar uma reflexão ensaística sobre o social de crise a partir de um ponto de vista da ecologia da mente, que é o paradigma de Gregory Bateson (2025), autor cujas ideias venho trabalhando mais e que teve agora seus textos traduzidos para o português¹⁰. Em meu livro anterior (Cesarino, 2022), abordo as dinâmicas anti estruturais e em como estas se diferenciam das dinâmicas regidas pela norma, mas não chego a aprofundar isso. Minha ideia agora é desenvolver a hipótese de que o social de crise, o social de exceção, tanto no humano como em outros animais, tem uma dinâmica própria, a qual não é bem compreendida pela teoria social porque no nosso mundo o normal é que a crise seja exceção e venha a ser superada.

Contudo, se a plataformização está lançando nossas sociedades em conjunturas de crise permanente e o social passa a agir de acordo com isso, precisamos entender melhor que dinâmica é essa. Neste sentido, pretendo me aprofundar em estudos sobre tipos de dinâmica social regidas por normas emergentes e que não estão consolidadas, como ritual, estruturas, guerra, apostas, entre outros. A crise hoje representa não mais uma exceção, ela é vista como um modo de vida habitável – algo muito ruim porque representa um mundo horrível de se viver – mas é um mundo no qual passamos a residir, em boa parte por conta da plataformização e da aceleração temporal.

REFERÊNCIAS

- Bateson, G. (2025). *Rumo a uma ecologia da mente*. Ubu Editores.
- Cesarino, L. (2019). Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, 62(3), 530-557. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>
- Cesarino, L. (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1(1), 92-120.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. Ubu Editores.
- Cesarino, L. (2021). Antropologia digital não é etnografia. *Civitas*, 21, 304-315.
- Cesarino, L. (2024). New Media's Conspiratorial Affordances: An Ecology of Mind

¹⁰ A autora refere-se à edição recentemente lançada no Brasil: Bateson (2025).

Approach. In Butter, M., Hatzikidi, K., Jeitler, C., Loperfido, G. & Turza, L. (Org.), *Populism and Conspiracy Theory Case Studies and Theoretical Perspectives* (pp. 308-322). Routledge.

Dumont, L. (1997). *Homo Hierarchicus: O sistema de castas e suas implicações*. Edusp.

Freud, S. (2019). *Obras incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar (das Unheimliche)*. Autêntica.

Gibson, J. (2014). *The Ecological Approach to Visual Perception: Classic Edition*. Psychology Press.

Ingold, T. (2011). *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. Taylor & Francis.

Klein, N. (2024). *Doppelgänger: uma viagem através do Mundo-Espelho*. Editora Carambaia.

Lévi-Strauss, C. (2010). *O cru e o cozido (Mitológicas I)*. Cosac Naify.

Miller, D. & Slater, D. (2004). Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, 10(21), 41-65. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>

Turner, V. (2013). *Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Vozes.

Nota: O Comitê Editorial da revista aprovou a publicação da entrevista.



Entrevista publicada em acesso aberto sob a licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA

Leticia Cesarino. Doutora em Antropologia pela University of California (Estados Unidos). Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (Brasil). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil). Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil). Autora de *O mundo do avesso: verdade e política na era digital* (2022, Ubu Editores). De 2023 a 2024, atuou como Assessora Especial em Educação e Cultura em Direitos Humanos no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Durante o doutorado, foi contemplada com a prestigiada bolsa CAPES-Fulbright e realizou pesquisas de campo no Brasil, Mali, Gana e Burkina Faso. Seus interesses de investigação se concentram nos campos da antropologia digital, relações humano-máquina, ecologia da mente e pós-neoliberalismo.

ORCID DA ENTREVISTADA: <https://orcid.org/0000-0001-7360-0320>